

PESQUISANDO AS PRÁTICAS DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR



Maria Odila Finger Fernandes LIMA¹



Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no Estágio Integrado em Psicologia III e IV do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul no ano de 2006. O estudo tem a finalidade de mostrar as possíveis práticas do psicólogo no âmbito escolar, de acordo com os discursos de professores, alunos do Ensino Médio e funcionários de três diferentes escolas públicas de Santa Cruz do Sul.

Palavras-chave: Psicologia escolar. Escola. Análise de discurso. Práticas da Psicologia.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no ano de 2006, na disciplina de Estágio Integrado em Psicologia III e IV do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul. Este estudo surgiu devido às várias inquietações, enquanto estagiária de uma escola pública de Santa Cruz do Sul, sobre o papel da psicologia no ambiente escolar. Nesta experiência havia uma grande demanda da escola para a prática clínica do profissional da psicologia, em especial voltada para a resolução do fracasso escolar e problemas de aprendizagem.

Segundo Heckert et al. (2001), a escola é um espaço de aprender, trabalhar e fazer educação. Da mesma forma, os autores compreendem que a escola é um espaço de invenção, principalmente quando se pensa no fazer da psicologia. Contudo, é significativo ressaltar que a psicologia, enquanto ciência e profissão é ainda muito jovem, e que algumas vezes os atores sociais a desconhecem ou a confundem com a atuação de outros profissionais do ambiente escolar. Por isso, como ponto de partida, criaram-se as seguintes hipóteses para circunscrever a problemática da pesquisa:

- os professores das escolas pesquisadas têm equívocos sobre a atuação do psicólogo escolar;
- os alunos das escolas pesquisadas têm clareza sobre a atuação do psicólogo escolar;

- os funcionários das escolas pesquisadas têm desconhecimento da atuação do psicólogo escolar.

Portanto, este estudo teve o intuito de investigar quais as possíveis práticas do psicólogo na escola, segundo alunos do ensino médio, professores e funcionários. Averiguar a sua relevância profissional no educandário e analisar como estes atores sociais de três diferentes escolas configuram a atuação do psicólogo na instituição escolar.

A escola

A escola se configurou ao longo dos anos como uma instituição formadora do processo individual, social e singular na constituição do sujeito como ser humano. Com os estudos sobre a origem da escola e suas implicações, sabe-se de sua grande contribuição para a civilização humana.

Segundo a história sobre a instituição escola, como coloca Maraschin (2003), citando Ariés e Enguita, o educandário cumpriu duas funções: uma referente à substituição do poder de educar da igreja, enfatizando o disciplinar, e outra no que diz respeito à preparação para um novo tipo de trabalho, industrial, fabril. Compreender estes fatores históricos é perceber a escola como uma instituição em movimento, que se configurou numa rede social significativa à constituição do sujeito.

Na Idade Média, havia uma forma de educação extremamente peculiar aos artesãos. Maraschin explicita em seu texto que nesta época havia um intercâmbio familiar, ou seja, crianças e jovens iam para outras famílias com o intuito de serem educadas por pessoas diferentes, famílias diferentes. Neste modo de educação, as crianças e os adolescentes faziam serviços domésticos e recebiam do mestre tarefas de ofício.

Ao se desenvolverem as manufaturas, os orfanatos, que anteriormente eram destinados a abrigar infantes que não eram nobres e que vagavam pela cidade, transformaram-se em escolas industriais. As crianças serviam como mão-de-obra para a indústria que estava emergente na época e eram ensinadas, de forma rudimentar, a ler e calcular.

De acordo com Varela (apud MARASCHIN, 2003, p. 235), pode-se pensar que foi a partir da Revolução Industrial que nasceu a escola, ou seja, com o trabalho fabril “separam-se as idades, os conteúdos; introduziu-se um valor moral que passou a justificar o conhecimento; docilizou-se os corpos, disciplinou-se e hierarquizou-se as mentes, classificando-as de acordo com sua maior ou menor aptidão para a aprendizagem”.

Com isso, percebe-se que a escola construiu toda uma organização interna; o que Foucault chama de poder disciplinar. Poder este que não é exclusivo da escola, mas de toda uma política econômica da época (MARASCHIN, 2003).

O que faz pensar que esta prática disciplinar ainda está muito arraigada em nossa experiência escolar, o quanto foi incorporada ao nosso modo de ser e agir. Da mesma forma, é intrigante pensarmos em modos de organização coletiva e não pensarmos em competitividade, hierarquia, exames e disciplina (MARASCHIN, 2003).

Outra questão importante com relação à disciplina, em especial a escolar, é acerca das muitas contribuições da área da Psicologia para a normalização da escola. Houve teorias e metodologias que contribuíram para as questões de aprendizagem e conduta, definição de etapas da infância e adolescência, bem como pontuações das diferenças individuais relacionadas como diferenças coletivas (MARASCHIN, 2003).

Contudo, observam-se os vários movimentos histórico-sociais por que a escola passou neste último século. Movimentos estes que se entendem como fundamentais para que a instituição escola tenha se tornado a mediadora do ato de produzir, seja direta ou indiretamente, a humanidade em cada sujeito (MEIRA, 2000).

Ao falar que a escola tem o objetivo de produzir uma formação humanizadora nos sujeitos, se faz necessário perguntar no que a Psicologia vem a contribuir para o ambiente escolar? Para se refletir sobre as diversas possibilidades de trabalho do psicólogo no plano educacional, é preciso pontuar a origem da Psicologia enquanto ciência, bem como a implementação da Psicologia Escolar no Brasil.

A psicologia e a psicologia escolar

Para os autores Correia e Campos (2000), as dificuldades e a experimentação da Psicologia Escolar já começaram a se configurar muito antes de desenvolver-se uma área de atuação e ciência psicológica.

Destacam-se os trabalhos de Francis Galton, Alfred Binet, James M. Cattell, onde se desenvolveu “uma Psicologia preocupada com o processo educativo desenvolvido no interior da escola” (CORREIA e CAMPOS, 2000, p. 60). Compreende-se que tal preocupação estava relacionada com a autonomia da Psicologia perante a Filosofia no século XIX.

Foi através do laboratório para estudar as sensações, que Wilhelm Wundt, em 1879, deu um marco inicial a uma Psicologia positiva e experimental. Francis Galton, em 1884,

desenvolveu um laboratório de Psicometria, objetivando o estudo das faculdades mentais e verificando as diferenças individuais entre escolares (CORREIA e CAMPOS, 2000).

Segundo os autores, foi através do estudo da Psicometria que se iniciou a configuração da Psicologia Escolar, uma vez que desde a sua origem a Psicometria se identifica com a seleção, classificação e adaptação dos indivíduos. Foi durante o século XIX, que a Psicologia começou a ser incorporada às instituições educacionais, sendo que a educação passou a ser importante, em especial conhecimentos pedagógicos e sua relação com os processos psíquicos (CORREIA e CAMPOS, 2000).

A origem do estudo em psicologia no Rio Grande do Sul se deu através das idéias psicológicas desenvolvidas nos Cursos Normais, no período de 1920 a 1950. A psicologia nesta época estava incorporada pela pedagogia, a qual objetivava a resolução prática de dificuldades evidenciadas em sala de aula.

A partir da metade da década de 1930, houve o aumento de interesse pelas técnicas de avaliação psicológica, que se estabeleceram como uma prática comum nos Gabinetes de Psicologia nos anos 40, juntamente com a difusão das teorias sobre o adoecimento mental. Também eram lecionadas aos professores em formação noções sobre desenvolvimento humano, orientação vocacional e alguns preceitos da Psicologia Individual de Alfred Adler. Os professores da disciplina de Psicologia tiveram um papel importante na divulgação das idéias psicológicas no estado, apesar da diversidade de suas formações profissionais (LHULLIER e GOMES, 1999, p. 59-60).

Porém, foi a partir do reconhecimento da profissão de psicólogo, em 1962, que se passou a sistematizar a Psicologia com a Educação, ou seja, dando uma origem a uma área específica da Psicologia voltada para o olhar sobre a escola (CORREIA e CAMPOS, 2000).

Nasce assim a Psicologia Educacional e a Psicologia Escolar. Apesar de termos diferentes, ambas se confundem no que diz respeito aos seus conceitos e práticas, tanto no ambiente acadêmico da Psicologia quanto no ambiente escolar.

A Psicologia Educacional remete a uma área voltada basicamente para pesquisa e produção de conhecimento referente a Educação e quanto à Psicologia Escolar, está voltada à prática profissional do psicólogo. Pode-se dizer que a Psicologia Educacional é o conhecimento psicológico e a Psicologia Escolar é a técnica (CORREIA e CAMPOS, 2000).

Pelo fato da pesquisa se ater à prática, conceitos e olhares sobre a Psicologia Escolar, será abordada mais significativamente esta área de conhecimento e atuação da Psicologia. Por muitas vezes se confundir com a atuação de outros profissionais do ambiente escolar, ainda é

muito questionada a prática da Psicologia Escolar por seus atores sociais: o que faz a Psicologia Escolar? Para que serve ou para que veio ao ambiente educacional?

A psicologia escolar

Segundo Andrada (2005, p. 197), durante um longo tempo teve-se a idéia de que a prática da Psicologia Escolar era voltada para testes, que tinham o intuito de “medir a capacidade dos alunos, separando os aptos dos não aptos para a aprendizagem, caracterizando um pensamento excludente, moderno e linear, ou seja, causa e efeito”.

Esta prática, voltada para um enquadramento do aluno através da aplicação de instrumentos, é decorrente do modelo clínico, em que historicamente se caracterizou que a Psicologia Escolar era um desmembramento da área clínica. Sendo assim, se criou a idéia de Psicologia Escolar clínica dentro do educandário (ANDRADA, 2005).

Kupfer (1997) em seu texto evidencia que a Psicologia Escolar era voltada exclusivamente para os problemas de aprendizagem das crianças. Havia um espaço ou uma sala para a aplicação de testes, espaço este que poderia ser fora da escola.

A partir do momento em que a Psicologia Escolar passou a fazer parte da configuração escolar, ou seja, foi para dentro da escola, ouviram-se vozes que antes não se conseguia ouvir. A Psicologia Escolar deu-se conta que era impossível ouvir um aluno e não levar em conta a sua relação com os seus pais, professores e com a própria escola.

Quanto ao desmembramento do olhar, voltado da clínica para novos olhares a serem construídos no ambiente escolar, Meira (2000, p. 58) propõe em seu texto que

um caminho possível para esse avanço pode ser delineado se tomarmos como nosso objeto de estudo e atuação não o indivíduo, e nem tampouco o processo educacional, mas sim o encontro *entre o sujeito humano e a Educação*.

Do mesmo modo, Andrada coloca que se faz necessário perceber a escola e os seus problemas que ali se apresentam, através de um novo olhar, um novo entendimento. A autora propõe que o trabalho do psicólogo no ambiente escolar possa ser feito através do pensamento

sistêmico. Ou seja, o problema deve ser visto como um conjunto, onde o todo é maior que a soma das partes.

Pode-se pensar, por exemplo, que um aluno que apresente algum problema ou alguma dificuldade, não deve ser visto separado dos seus sistemas relacionais, família, escola. Estes sistemas interagem entre si; o comportamento do aluno afeta e é afetado pelas atitudes da família e da escola e vice-versa.

Martins (2003) pontua que o psicólogo no ambiente escolar assumiria um papel de agente de mudanças, tendo como foco principal a instituição, suas relações que se estabelecem nos diferentes grupos e contextos.

Da mesma forma, o autor propõe que o psicólogo venha a fazer uma escuta clínica da instituição, com o intuito de averiguar, refletir, experienciar o que acontece dentro do ambiente escolar.

Tal lugar – o da escuta – possibilita ao psicólogo criar situações coletivas, espaços de construção de conhecimentos sobre si mesmo – sobre a escola, sobre as experiências dos envolvidos no processo educacional etc – de tal forma que os problemas vividos sejam amplamente discutidos e a busca de soluções para os mesmos, compartilhada (MARTINS, 2003, p. 7).

Outro entendimento enquanto atuação do psicólogo escolar é proposto pela ABRAPEE (Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional), explicitando que o papel deste profissional continua a ser construído pela própria prática, não está totalmente definido. A ABRAPEE entende que o psicólogo na escola está a serviço do aluno e para aqueles que fazem parte do seu processo de educação. Processo este que se entende como ensino-aprendizagem, de acordo com o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social (JOLY, 2000).

A ABRAPEE considera que o psicólogo auxiliará na estruturação curricular, orientação e formação continuada de professores, e na formação de parcerias com as famílias dos alunos, desde a pré-escola até o ensino universitário (JOLY, 2000).

Diante destas possibilidades de atuação, a Psicologia Escolar na educação, possibilidades dialogadas até aqui, Zanella (1998) pontua em seu texto de uma maneira diferenciada sobre o psicólogo, em que este é um trabalhador social e ao entrar na escola tem o papel de atuar e refletir com os atores sociais as dificuldades vistas na sociedade.

A autora coloca ainda que o psicólogo auxiliará no educandário a resgatar a cidadania dos indivíduos que alia atuam, da mesma forma ele irá contribuir para que estes sujeitos reflitam, repensem os modos de agir, interagir no ambiente escolar (ZANELLA, 1998).

Este resgate da cidadania faz pensar em atitudes reflexivas, como aborda Silveira (2003) em seu texto sobre a pós-modernidade, a escola e a família. Entende-se que a pós-modernidade veio refletir, fazer um novo olhar sobre aquilo que é contraditório, de uma forma diferenciada do modernismo. Silveira (2003, p. 131) apresenta que a escola e a família necessitam criar uma parceria para construir “alternativas a partir da realidade que está se apresentando”.

É neste espaço de parcerias que se percebe o quanto é necessário o trabalho da Psicologia Escolar, uma vez que o psicólogo seria um mediador de reflexões e de processos de mudança entre a família e a escola, auxiliando-as a se comunicarem de uma forma clara e coesa, sem que houvesse lacunas nesta relação.

Contudo, a psicologia pode vir a ter dificuldades de inserção e desenvolvimento do seu trabalho no ambiente escolar. Em especial um olhar voltado para os professores, suas práticas, seus fazeres (BISOL, 2003).

Bisol explicita a importância de conhecer o dia-a-dia da escola e conhecer o cotidiano escolar dos professores. A autora pontua que em alguns momentos os professores podem estar em uma postura de boicote ao trabalho da psicologia. Diante disso, é fundamental a Psicologia Escolar questionar esta posição e principalmente refletir sobre a sua própria postura frente às dificuldades apresentadas no universo escolar.

Faz pensar que é urgente esta descentralização por parte tanto dos docentes quanto da postura da Psicologia Escolar, em que o professor, a escola e a psicologia caminhariam juntos, sem estarem dispostos em hierarquias, melhorando a qualidade de ensino/aprendizagem.

Metodologia

Este trabalho vem investigar as possíveis práticas da psicologia no ambiente escolar através do delineamento qualitativo, bem como se utilizou a análise de discurso para a interpretação dos dados (ORLANDI, 2003).

Os sujeitos da pesquisa foram 3 (três) alunos voluntários, maiores de idade, do Ensino Médio, 3 (três) professores voluntários e 3 (três) funcionários voluntários de 3 (três) escolas

estaduais de Santa Cruz do Sul. Contudo, em uma das escolas estaduais foi possível fazer a entrevista com 2 (dois) funcionários, pois na ocasião não foi possível localizar outro funcionário por motivo de férias.

Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com os sujeitos da pesquisa. Nesta entrevista, cada sujeito marcava com (x) uma das 3 (três) opções, se era aluno, professor ou funcionário e respondia as 4 (quatro) questões da mesma. As questões elaboradas para a entrevista iam ao encontro do que os atores sociais da pesquisa entendiam sobre a atuação do psicólogo escolar; se já haviam tido contato com este profissional; quais seriam os benefícios advindos da atuação do psicólogo na instituição escolar e quais seriam as dificuldades encontradas na respectiva escola que mereceriam a participação da psicologia.

A análise dos dados foi feita através da análise de discurso (ORLANDI) e à luz do referencial teórico da pesquisa, tendo como procedimento de análise a utilização das seguintes categorias:

- 1) desconhecimento da atuação de psicólogo escolar;
- 2) equívocos sobre a atuação de psicólogo escolar;
- 3) projeta com clareza as possíveis atuações do psicólogo escolar.

Resultados e conclusão

De acordo com os resultados obtidos, faz-se necessário explicitar teoricamente os discursos dos atores sociais aqui pesquisados. Estes discursos foram analisados conforme a análise de discurso, em que se visou escutar o que está por trás do discurso, sua significância para os sujeitos do estudo (ORLANDI, 2003).

Das hipóteses levantadas para o estudo, foi observado que na maioria dos discursos dos sujeitos pesquisados, principalmente os alunos, há uma projeção clara das possíveis atuações do psicólogo na escola, ou seja, eles têm conhecimento sobre o que pode vir a fazer o profissional da psicologia no universo escolar. Isto fica claro quando colocado que o psicólogo no ambiente escolar trabalharia com Orientação Profissional, trabalho com grupos, seja com alunos, professores e funcionários, bem como grupos com os familiares dos alunos, grupos com todos os segmentos da instituição que visam trabalhar as relações interpessoais, auto-estima, autoconhecimento, valores. Com isso, não se constatou que os professores têm equívocos sobre a atuação do psicólogo escolar e que os funcionários das escolas pesquisadas têm desconhecimento da prática do psicólogo escolar.

Segundo os atores sociais do estudo, todos os segmentos, alunos, professores, funcionários, familiares são permeados pela escola, são afetados por ela e ela os afeta. Esta forma de olhar para a escola está de acordo com Andrada (2005), que explicita um olhar sistêmico, colocando que o todo é maior que a soma das partes, ou seja, as partes não devem ser vistas como isoladas no ambiente, e sim que elas afetam e são afetadas umas pelas outras.

Outro discurso explicitado pelos sujeitos e não menos significativo que os demais é a necessidade de um trabalho voltado para a família de alunos. Principalmente com aqueles alunos que estão apresentando alguma dificuldade em sala de aula decorrente de questões familiares.

Este discurso contraria a idéia de que o aluno com dificuldades de aprendizagem não mais é nomeado como fracassado, incapaz de aprender, de exercer suas habilidades em sala de aula, mas sim que sua dificuldade pode vir a ser desencadeada por alguma situação familiar.

De acordo com os discursos, este trabalho com as famílias dos alunos deve ser exercido pelo profissional da psicologia, alguém capacitado, especializado para a atividade e que estivesse efetivo na escola. Entretanto, os atores sociais colocaram que muitas vezes quem faz este papel na escola é a Orientação Educacional, pelo fato de não haver o profissional da psicologia nas instituições escolares estaduais.

Como coloca Baremlitt (1998), esta necessidade de ter alguém específico e capacitado para esta função pode ser entendida como um movimento instituinte, ou seja, forças transformadoras devem ser implementadas com intuito de mudar as várias instituições que permeiam a escola. Como exemplo, a questão de não ter concurso estadual para psicólogo escolar, não é vista como algo de importância para o bom funcionamento do educandário.

Contudo, é importante salientar que esta vontade, este reconhecimento da profissão psicólogo foi colocado em âmbito estadual e sabe-se que não há um cargo remunerado para o profissional. Todo e qualquer trabalho feito até o momento é de caráter voluntário ou através de estágios curriculares via universidade.

Para os sujeitos da pesquisa, mesmo sendo uma escola estadual deveria ter o psicólogo trabalhando conjuntamente com os demais segmentos. Pois, em seus discursos percebe-se que o psicólogo na escola é um agente de mudança, um mediador entre os segmentos organizacionais (MARTINS, 2003).

Ao responder ao problema de pesquisa, com as possíveis práticas do psicólogo colocadas pelos atores das escolas, evidenciaram-se outras inquietações no estudo. Os atores

conhecem o fazer do psicólogo e não podem usufruir deste profissional no ambiente escolar. Da mesma forma, constatou-se que há um certo descaso e falta de recursos do governo estadual para incorporar o psicólogo como sujeito atuante e fixo no educandário.

Por outro lado, a escola, ao se deparar com alguma situação que mereça o trabalho do psicólogo, acaba fazendo encaminhamento para o profissional habilitado. Porém, este encaminhamento muitas vezes não se efetua, devido aos altos honorários cobrados pelos psicólogos, que para a maioria dos atores que estudam e trabalham na escola estadual não condizem com a sua realidade financeira. Ficando, assim, sem o tratamento terapêutico necessário.

Observou-se também nos discursos uma importância para um trabalho com o sujeito professor, em que os atores sociais o percebem como amargos, tristes, desmotivados no ambiente escolar.

Com isso, levanta-se questionamento frente aos discursos: o que está acontecendo com o professor? Ghiraldelli Júnior (2006, p. 253) pontua algumas questões inerentes ao sujeito professor da atualidade.

O professorado de ensino primário (e mesmo o de grau médio), além de, geralmente, mal preparado, quer sob o aspecto cultural quer sob o ponto de vista pedagógico, é constituído, na sua maioria, por leigos (2/3 ou ¾ conforme os Estados); não tem salário condizente com a alta responsabilidade do seu papel social nem dispõe de quaisquer estímulos para o trabalho e de quaisquer meios para a revisão periódica de seus conhecimentos.

Frente a isso, faz-se necessário pensar a pouca receptividade, em especial de alguns professores para a atividade de pesquisa. Não se entrará no mérito de designar em qual escola observou-se a maior dificuldade, mas sim uma reflexão que vai além dos discursos dos sujeitos.

Para que fosse feita a entrevista com os três professores, foi necessária a intervenção da vice-direção para que colaborassem com o estudo e os que se dispuseram a participar eram aqueles que, de uma forma ou de outra, tiveram contato ou conhecem a psicologia.

Esta resistência observada nos professores como um todo faz pensar, como coloca Demo (2002) em seu texto, em que na maioria das vezes o desgaste da prática profissional, o cansaço se deve pelo fato do educador fazer três turnos na escola ou em várias escolas. Não há espaço ou tempo para um descanso, um estudo e até mesmo para uma fala.

Da mesma forma, é importante pontuar que a fala dos professores não aconteceu. Pois, ao entrar na sala dos professores para o convite da pesquisa não ocorreu num primeiro momento manifestação desses sujeitos, ou seja, preferiram calar-se.

Fontana (2002) coloca um entendimento sobre o que pode significar o silêncio dos professores, que merece destaque nesta discussão. Para a autora, o silêncio dos docentes possui dois aspectos, um que diz respeito a uma recusa, resistência à mudança e a outro que se configura como significado, que tem algo a dizer.

Na experiência com os professores, observou-se que se está além de uma recusa ou resistência extrema ao novo, à mudança, que o silêncio possui sentidos, sejam eles de socorro, de desmotivação com o sujeito da educação no cenário atual.

Outro entendimento interessante no estudo mostra que o que foi observado nos professores é o constatado por Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 238) sobre a síndrome *Burnout*, “é uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece inútil”.

Para os autores, a síndrome significa perder a energia e está envolvida em três componentes principais: exaustão emocional, despersonalização e falta de envolvimento pessoal no trabalho. Com isso, faz pensar que toda a postura observada nos docentes para a pesquisa pode dizer respeito a estes componentes pelos quais passam todos os dias na escola (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999).

Observa-se que o cenário atual da educação do Estado propicia a configuração desta síndrome ou alguns de seus componentes. O ano de 2006 foi marcado para os professores gaúchos como o ano da vergonha para a educação: frustração de uma greve que não teve sucesso e um aumento invisível nos seus salários. Contudo, se faz necessário pontuar também que a frustração do educador para com o Estado não se configurou apenas neste ano em especial e sim se desenrola há alguns anos.

Da mesma forma, Gonçalves (2005) coloca que os professores não questionam sua prática, seu dia-a-dia no ambiente escolar, gerando uma dicotomia entre o discurso e a prática propriamente dita, o que faz pensar que esta postura é decorrente de toda uma descrença com relação ao Estado, aos alunos e a si mesmos. Porém, para a autora cabe à sociedade implementar políticas públicas que visam colocar o papel do docente e da educação como primordiais na construção da cidadania.

Com isso, imagina-se que o psicólogo no universo escolar estadual corroboraria para o resgate da saúde mental desse sujeito da educação, não só visto como agente de ensino-

aprendizagem e formador de cidadania, mas também como um ser cidadão e um ser humano que padece e que merece também ser cuidado.

Considerações finais

Neste estudo obteve-se êxito em relação aos objetivos levantados, no que diz respeito às possíveis práticas da psicologia no ambiente escolar. Verificou-se que os atores sociais das escolas pesquisadas percebem o psicólogo como um profissional extremamente importante e que teria um espaço específico de trabalho no universo escolar.

Com relação às hipóteses levantadas na pesquisa, confirmou-se uma, ou seja, os alunos das escolas pesquisadas têm clareza sobre a atuação de psicólogo. Isto ficou claro, pois constatou-se que não só os alunos compreendem o que pode vir a fazer o psicólogo escolar, mas também os professores e funcionários.

Contudo, o que não era esperado neste estudo foi a postura apresentada por uma parte significativa dos professores, que foram convidados pela direção a participar da pesquisa, uma vez que foi necessária a intervenção da diretora para fundamentar a importância do estudo para a escola. Observou-se que foi um discurso específico da gestão, da chefia e não dos professores. Apesar de alguns docentes pontuarem a importância da psicologia na escola, outros professores não se mostraram favoráveis ao auxílio do psicólogo em sua prática e na dinâmica escolar.

Sabe-se que não há psicólogos em escolas de âmbito estadual, ou seja, não existe concurso público ou contratos para o cargo de psicólogo na escola. Com isso, faz-se necessário uma movimentação por parte dos professores estaduais, tendo como objetivo mostrar ao Estado e à sociedade a importância do psicólogo, que atuaria como um profissional mediador de mudanças e de reflexões sobre a prática escolar.

RESEARCHING THE PSYCHOLOGY PRACTICES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Abstract

The present article is the result of a research accomplished in the Integrated Training period in the subjects of Psychology III and IV in the Psychology course in the University of Santa Cruz do Sul in the year of 2006. The study has as its aims to show the possible practices

performed by the psychology in the school environment according to the discourses of professors, high school students and employees from three different public schools of Santa Cruz do Sul.

Key-words: School Psychology. School. Discourse analysis. Psychology practices.

Nota

¹ Psicóloga, formada pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, acadêmica do curso de Pedagogia da UNISC. E-mail: modilafinger@yahoo.com.br.

Referências

- ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em : <<http://www.scielo.br/scielo.php/>> Acesso em: 10 mar. 2006.
- BAREMBLITT, Gregório F. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- BISOL, Cláudia. “Profe, os professores são horríveis!” In: MARASCHIN, Cleci; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; CARVALHO, Diana Carvalho de (Orgs). *Psicologia e Educação*. Multiversos Sentidos, Olhares e Experiências. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p. 167-176.
- CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é *Burnout*? In: CODO, Wanderley (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Universidade de Brasília, 1999, p. 237-254.
- CORREIA, Mônica; CAMPOS, Herculano. Psicologia Escolar: histórias, tendências e possibilidades. In: YAMAMOTO, Osvaldo H.; NETO, Cabral. *O Psicólogo e a escola*. Natal: EDUFRN, 2000.
- DEMO, Pedro. *Ironias da Educação*. Mudança e contos sobre mudança. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FONTANA, Roseli Aparecida Cação. A professora em silêncio: fragmentos de um processo singular de constituição. In: NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura (Orgs). *Desatando os nós da formação docente*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 49-64.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006.

- GONÇALVES, Yara Pires. Do discurso à práxis: uma breve discussão. In: *Quaestio*. Revista de Estudos de Educação, Sorocaba: Uniso, n. 2, p. 75-86, nov. 2005.
- HECKERT, Ana Lúcia C. et al. A escola como espaço de invenção. In: VILELA-JACÓ, Ana Maria; CERZZO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Clío-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2001, p. 239-249.
- JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. A formação do Psicólogo Escolar e a Educação No Terceiro Milênio. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, ABRAPEE, Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, n. 1, p. 51-55, jan. 2000.
- KUPFER, Maria Cristina Machado. O que toca à/a Psicologia Escolar. In: MACHADO, Adriana Marcondes, SOUZA, Marilene Proença Rebello. *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- LHULLIER, Cristina; GOMES, William B. Idéias psicológicas nos Cursos Normais de Porto Alegre no período de 1920 a 1950. *Psico*. Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, n. 2, p. 45-62, jul. 1999.
- MARASCHIN, Cleci. Psicologia e Educação: pontuações temporais. In: MARASCHIN, C.; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; CARVALHO, Diana Carvalho de (Orgs). *Psicologia e Educação*. Multiversos Sentidos, Olhares e Experiências, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p. 233-241.
- MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, n. 2, jul/dez 2003. Disponível em : <<http://www.scielo.br/scielo.php/>> . Acesso em: 10 mar. 2006.
- MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. In: TANAMACHI, Elenita de Rício; PROENÇA, Marilene; ROCHA, Marisa Lopez da. *Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. A família, a escola e a (pós) – modernidade. In: GUARESCHI, Pedrinho A. et al. (Orgs). *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2003.

ZANELLA, Andréa Vieira. Psicologia Social e Escola. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Recebido: 17/07/2007

Aceito: 21/10/2007